

APRESENTAÇÃO

Por mais que se afirme viver a laicidade da República, as confessionalidades públicas ou aquelas camaleantes se fazem presentes. Surgem em certas conjunturas, desaparecem noutros. Ora se assumem, ora se escondem. Ora são idiomas de conversão, ora são idiomas de reconversão. Num momento valem-se de linguagem esotérica. Noutro apresentam-se exotericamente. O que é invariante é a tentativa de hierarquização da humanidade, a exemplo das pistas lançadas por Norbert Elias e John Scotson, em *Estabelecidos e os Outsiders*.

O Brasil tem peculiaridades que podem diferenciá-lo ou aproximá-lo com outras regiões, sob o aspecto das clivagens da religiosidade. A interferência do poder e das manifestações profanas ou sagradas, mesmo que não em ordem cronológica, até porque os tempos mensurados pelos diversos agentes eram e são diferentemente vividas pelas frações envolvidas, puderam ser sentidas em eventos históricos, no âmbito nacional.

Poderíamos iniciar com uma bula papal que, de Roma, em cima de um mapa de confeccionado sob conjecturas terras, limites e tamanhos, a autoridade papel arbitra com ré-

gua os paralelos e meridianos, estabelecendo a cada uma das partes – Portugal e Espanha - o seu quinhão. Apesar da autoridade papal, as partes não concordaram com o traço. Acata-ram na formalidade.

Nos idos do século XVI, os calvinistas franceses fizeram incursão no Brasil criando a França Antártica, sob o comando de Villegaignon. Sábia combinação, a de exportar pau-brasil e usufruir da liberdade religiosa que não encontravam no reino franco. Pouco se tem falado de seus templos e recursos sacros. Calvinistas nos trópicos matéria para muita imaginação. O reinado de Villegaignon não durou muito. Montaigne em “Os canibais”, um texto que já prezado como um dos primeiros em abordar o relativismo, nos conta um pouco da relação desses franceses com os nativos.

Expulsos os huguenotes, holandeses calvinistas entravam em Pernambuco. Aparentemente eram mais plurais que os lusos. Até uma sinagoga ali fora construída.

Noutras regiões da Colônia, o Santo Ofício meticulosamente contabilizava hereges que seriam entregues aos tribunais civis. Dos vigiados, uns tornaram-se conversos, ou-

tros penalizados. Todos temendo a fogueira e a morte na estaca.

A vida nos trópicos não se resumia na busca de infiéis. Um exemplo das intrincadas relações do Estado e Igreja está na adoção do estatuto da pureza de sangue, para herdar terras e acessar a cargos públicos. Ou seja, mesmo converso, carregava o “sangue” impuro. Em alguns casos, um atestado de pureza era conseguido às custas de algumas moedas.

Entre Portugal e Espanha, de tantas lutas e disputas por conjecturosas terras do novo mundo, estabelecem um acordo sob o patrocínio de um santo, que respondia pelo nome de Hidelfonso.

Mais adiante temos um Império com catolicismo como religião oficial e também súditos migrantes acatólicos, aos havia restrições a de exibir sinais externos do templo. Se a República foi sábia na “abertura religiosa”, estas terras de Vera Cruz acolheram diferentes credos, quebrando a monocromia católica. De tantos são e cada dia surgem novos. Mas também a República que viveu os milenarismos, opondo-se à laicidade. Verdade seja dita, ao menos no Contestado, os rebeldes dividiam o mundo entre os pelados e peludos. Nesse último segmento, seguramente, representantes do catolicismo oficial eram classificados como peludos, ou seja, aqueles que não contariam com as benesses da salvação. Salvação ou condenação é sempre uma classificação etnocêntrica. Cada fração assegura a salvação aos seus e os perigos e penalidades são destinados aos outros.

No sertão do sul do Brasil, a população interiorana, constituída por caboclos, não era visitada por padres ou pastores. No interior do sertão, esporadicamente monges percorriam as moradas, abençoavam ou amaldiçoavam lavouras, moradores, conforme a recepção dos

moradores. Se não construíam igrejas, plantavam couve e fixavam cruzeiros nas fontes de águas, as chamadas águas santas. Na Guerra do Contestado política, religião, negócios de terra tiveram uma relação controversa. Quando finda o Contestado, a imigração com os chamados colonos de origem, ou seja, alemães, italianos e poloneses, trazem suas crenças, ou seja, o catolicismo oficial e, em menor escala, o protestantismo. Constroem suas igrejas, criam seus cemitérios, fazem suas festas, marcam suas éticas de distintividades

Esse cristianismo oficial, apoiado pelo clero romanizado e suas instituições, empurrou a população autóctone, os caboclos, do espaço da religiosidade católica e luterana. Os italianos ou descendentes que aqui aportaram não fizeram colônia anarquista, ao exemplo de outras localidades, contrário, foram bem leais.

Neste dossiê, apresentamos o particularismo - inserido nas manifestações de distintividade - sejam elas religiosas ou da culinárias subalternas, apontando como forma de abordar e hierarquizar a humanidade. A hierarquização é instrumento para discutir, pensar, repensar e questionar a pluralidade, os usos e abusos da sociedade. Fora a coerção e vigilância severa de outros tempos, navegamos no terreno da pluralidade: elemento fundamente e estrutural de nossa realidade.

ELIAS, Norton & SCOTSON, John. *Estabelecidos e Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Arlene Renk
Diretora da revista.